Redistribuição da Terra: uma Utopia do VIII Século aC

INTRODUÇÃO

Vivemos num momento histórico em que nos é intencionalmente apresentada uma leitura da realidade que nos é mostrada como a verdade única, absoluta, inquestionável. Tal verdade deverá se manifestar numa mentalidade coletiva uniforme. O clímax desta leitura está em assimilar que a exclusão social de milhões de pessoas acontece num processo natural; e esconder as conseqüências sociais da lógica das leis de mercado que produzem a exclusão.

Um dos objetivos fundamentais daqueles que intencionam criar o pensamento único é eliminar nas pessoas a capacidade de pensar o distinto. Em conseqüência, extinguir utopias. Neste artigo, recorro a um ensinamento da profecia de Miquéias para propor uma leitura que contradiga a lógica que afirma e faz acreditar na morte de utopias.

1. TEXTO, TEMA E OBJETIVO

Mq 2,1-5.6-11; 3,1-4.5-8.9-12 são os ditos proféticos que escolhi para embasar este estudo. Vários versículos oferecem problemas de transmissão. Não detalhei resultados de crítica textual. Quando cito algum texto, tenho como base o texto Massorético e a tradução da Bíblia de Jerusalém.

O tema se limita em auscultar elementos da função social da profecia. Este também é o objetivo. Precisamente, procuro entender, a partir dos ditos, um projeto utópico da profecia de Miquéias, do VIII século aC.

2. MÉTODO E REFERENCIAL HERMENÊUTICO

O tema e o objetivo introduzem o estudo na perspectiva histórico-sociológica. O caminho que procuro trilhar é o que ajuda a entender a palavra profética como fecundada e enraizada na história do povo de Israel. Sigo um método que auxilia na compreensão da profecia como palavra situada em um contexto histórico específico; e como palavra produzida e articulada por um sujeito histórico coletivo,

num movimento inspirado desde uma indignação, a que se converte e converge em resistência organizada, apontando uma utopia.

Indignação, resistência, organização e utopia são categorias de compreensão, que introduzi no estudo, no intuito de entender a profecia em relação ao tema focalizado. Estas, no entanto, como veremos ao longo do artigo, foram fornecidas pelo texto do profeta.

3. TEXTO E CONTEXTO

Mq 2–3 apresenta cinco ditos proféticos, cada um com temas específicos, emergentes de contextos vitais próprios.

- A denúncia em 2,1-5 mostra a cobiça e o roubo de terras e opressão praticados por um grupo de poder.

- 2,6-11 lembra profetas falsos. Sua "profecia" culmina em, até, tirar o manto do pobre e expulsar e separar mulheres (mães) e filhos de suas casas.

- 3,1-4 traz uma acusação contra os chefes e magistrados que não praticam o Direito a quem dele necessita.

- Em 3,5-8, o profeta de Javé volta a acusar os profetas que seduzem, que desorientam.

- 3,9-12 traz acusações contra chefes, magistrados, sacerdotes e profetas. Denuncia-se que o direito não é um princípio respeitado; Sião está sendo edificada com sangue! Muitas injustiças se cometem em Jerusalém.

Estes ditos, mesmo que provenham de contextos vitais diferentes, revelam que a profecia de Miquéias enfoca os grupos responsáveis pela economia e política internas do estado de Judá. Sua crítica social se fundamenta na crítica da economia e da política, adotadas pela elite de Jerusalém em relação aos camponeses de Judá, em fins do VIII século aC.

4. A INDIGNAÇÃO

Em todos os ditos enumerados acima mostra-se indignação. Esta se manifesta quando a dignidade de pessoas é atingida. Olhemos, especificamente, 2,6-11 e 3,1-4 para verificar este elemento.

Em 2,6-11, mesmo que o texto traga dificuldades na transmissão e compreensão, três aspectos são evidentes:

a) O profeta de Javé denuncia os profetas que "balbuciam" mentiras (v. 11).

b) Estas mentiras levam a expulsar mulheres de suas casas, provocando assim a separação de mães e filhos (v. 9); e tornam ainda mais miserável aquele que já não tem mais do que um manto para se proteger de intempéries.

c) A linguagem e imagens revelam que Miquéias ironiza seus adversários. Veja, por exemplo, o v. 11. Compara-se a palavra-de-mentira com palavra-de-vento. Mas ela embriaga e destrói!

A indignação profética emerge da percepção da ação embriagadora e destruidora de palavras mentirosas. Em 3,5 tal ação é definida como sedução, desorientação! A expulsão de mulheres de suas casas e a conseqüente separação de mães e filhos destroem, rompem os laços familiares históricos de famílias israelitas, atingindo as entranhas mais profundas que simbolizam a dignidade de pessoas.

Igualmente, a prática de tirar daquele que "nada" possui significa eliminá-lo. A partir de 3,1-4 compreende-se com mais precisão tal elemento. Ao meu ver, a linguagem deste texto espelha o auge da indignação diante de inúmeras práticas injustas que se cometem, especialmente, em Jerusalém e em Judá, nos dias de Miquéias:

> *"Arrancais a pele e a carne de seus ossos"; "comeram a carne de meu povo"; "arrancaram-lhe a pele"; "quebraram-lhe os ossos"; "cortaram-no como vianda dentro do caldeirão",*

é linguagem que só pode provir de quem está profundamente indignado. Provém de alguém que possui princípios e valores e estes estão sendo ignorados e desrespeitados. Que princípios e valores são estes? 3,1-2 lembra o direito e a distinção entre o bem e o mal. Estes já não são conhecidos por quem tem o dever, o compromisso de conhecê-los!

5. A RESISTÊNCIA

A resistência se verifica numa atitude e/ou manifestação de não-adesão. Um indivíduo ou um grupo de pessoas decidem não aderir a um determinado projeto ou não aprovam determinadas práticas. Resistem. As formas de não-aderir poderão ser diversas.

Em Mq 2–3 há diversas manifestações de resistência. Atenho-me a mostrar apenas duas faces desta, especificamente desde 2,1-5 e 2,6-11.

a) Em ambos os textos transparece a dimensão da ironia. Mq 2,4, até, traz elementos do gênero de sátiras e do gênero de lamentações. A criatividade do profeta está em realizar a junção da sátira ao lamento, criando uma lamentação de rebaixamento! Lembrava já acima 2,11. O profeta de Javé compara o "balbuciador desse povo" com um "homem que corre atrás do vento"! A comparação é criativa e irônica. A ironia mostra a resistência numa dimensão bem sutil, evidenciando a não-adesão.

b) Em 2,1-5, elementos formais trazem à tona a resistência. Os v.1-2 são uma denúncia e os v. 3-5 são um anúncio. O anúncio é introduzido (v. 3) numa linguagem genérica em correspondência à linguagem genérica que introduz a denúncia (v. 1). Igualmente, o anúncio específico (v. 4-5) mantém direta relação com a denúncia específica (v. 2). Olhemos mais detalhadamente esta relação. No v. 3, repete-se o verbo "planejar" e o substantivo "mal", sendo agora uma ação divina em resposta aos denunciados do v. 1. Usa-se a mesma linguagem no anúncio com que se tem qualificado a ação destruidora na denúncia. Nos v. 4-5, o "mal" de Javé está especificado. Nestes versículos, encontramos vários conceitos e idéias que dizem relação com a "Terra". Vemos, ali, correspondência com o v. 2 que especificou a cobiça e o roubo de terras. A correspondência de conceitos e idéias, através de

repetições de palavras, como respostas de anúncio à denúncia, manifesta, do ponto de vista das ciências do social, que a linguagem é espelho e recurso de resistência.

6. A ORGANIZAÇÃO

A indignação e a resistência são insignificantes se não convergirem em organização. Esta é a concretude das duas primeiras. Desde o nível social, somente um coletivo se organiza. Uma pessoa isolada não realiza tal ação. Um coletivo se organiza em função do poder. Aliás, toda a organização simboliza poder. Ou para mantê-lo, ou para o questionar e o destruir, ou para criá-lo.

Em Miquéias, mostra-se um grupo de poder (2,1), que usa deste para cobiçar e roubar a terra, saquear casas e oprimir o homem e sua casa (2,2). Em 2,8-9, temos a acusação contra aqueles que arrancam o manto do pobre e expulsam mulheres de suas casas. 3,1-4; 3,5 e 3,9-11a denunciam os responsáveis pelo poder político, religioso e jurídico.

Ao denunciar grupos de poder, a profecia de Javé lembra e toma a defesa de "meu povo", que sofre as ações denunciadas. "Meu Povo" são os camponeses, especialmente da Sefelá Judaíta, que em fins do VIII século aC ainda vivem em famílias, conservando sua identidade clânica, tanto nas relações de produção, quanto nas relações sociais. Mas este "Meu Povo" está em vias de empobrecimento, de desintegração e de perda de sua identidade familiar-clânica.

A profecia, sendo palavra que nasce do conflito entre os camponeses ("Meu Povo") e a elite de Jerusalém ("os grupos acusados"), mostra-se essencialmente como voz coletiva. A palavra de Miquéias não é só dele. É voz sintonizada desde e com um grupo social organizado.

Há argumentos literários que provam tal tese. Lembramos, aqui, somente um de nível sociológico que a justifica. Um projeto social, de um povo, jamais se articula desde um indivíduo isolado. Um projeto de sociedade ou de transformação de uma realidade só provém de um grupo sociologicamente constituído e organizado.

Em Miquéias, verificamos o anúncio de uma redistribuição de terra. Este anúncio profético jamais se realizaria se não houvesse sintonia com aqueles que necessitam tal ação. Portanto, se existe um sonho de transformação social, este só poderia emergir desde uma organização.

7. A UTOPIA

A indignação, a resistência e a organização são mediações imprescindíveis à emersão de uma utopia. Neste sentido, utopia é a projeção de mudanças necessárias para transformar realidades que indignam; e criar realidades que dignificam. São constitutivos de um sonho, por conseguinte, eliminar e construir, tendo sempre como referencial e medida a centralidade do ser humano.

Mq 2,1-5 traz-nos o anúncio de uma utopia inerente ao anúncio da desgraça. Precisamos compreender esta inter-relação dialética entre o anúncio de uma esperança (graça) e o de uma devastação (desgraça).

7.1. A ameaça do mal

Lembro que o anúncio (2,3-5) é eminentemente teológico. Ele se mostra como uma intervenção divina contra os denunciados. No entanto, o seu conteúdo traz à lembrança também o nível histórico-sociológico. Focalizo-o sob esta ótica.

A ameaça do "mal" atinge "esta família". O texto diz: "Eis que eu planejo contra esta família um mal" (2,3). "Esta família" é o grupo de poder denunciado no v. 1. De imediato, conclui-se que o mal é prometido àqueles que cobiçaram, roubaram e oprimiram (conforme o v. 2).

7.2. A devastação

Mq 2,4 é um texto difícil. Na exegese, o versículo é objeto de discussões polêmicas. Há, no entanto, alguns elementos seguros, desde os quais parto para compreender o tema em discussão. Aliás, o v. 4, mesmo sendo de difícil compreensão, responde a uma série de indagações que o método e o referencial hermenêutico delimitados levantam.

O v. 4 especifica o mal introduzido no v. 3. Como já afirmei acima, o versículo assume elementos do gênero de sátiras e do gênero de lamentações, criando uma lamentação de rebaixamento. Pergunto: quem rebaixa? Quem é rebaixado?

Recorro a alguns elementos formais para esclarecer estas questões:

a) Repete-se, no v. 4, o verbo "levantar/levar" que se encontra no v. 2. Aos que no v. 2 "levantaram" as casas dos camponeses, agora contra eles é "levantada" uma canção satírica e uma lamentação.

b) Encontram-se, no v. 4, uma série de palavras que evocam a temática da terra. Esta é uma temática central na denúncia.

c) Várias vozes se mostram: primeira pessoa do singular, primeira pessoa do plural. Vejamos:

c. 1 - Fomos devastados;

c. 2 - Uma porção (de terra) de meu povo será repartida;

c. 3 - Como apartar-se-á de mim?

c. 4 - Para rebelde nosso campo será dividido.

As diferentes vozes espelham o texto como produzido por um sujeito coletivo. Contém três lamentações ("c. 1", "c. 3", "c. 4") e uma declaração positiva onde se promete a medição da terra para "meu povo" ("c. 2").

A primeira lamentação lembra devastação. "Fomos (totalmente) devastados" é o grito dos destinatários da desgraça, lamentando na boca dos que satirizam! Estes ironizam! Gozam dos que cobiçaram e roubaram as terras. O verbo "devastar" está no perfeito. Este perfeito lembra a voz de um grupo que já pressentiu a devastação. Mesmo que, no contexto de Miquéias, o grupo de poder, provavelmente, não foi assolado, a voz profética já evoca, desde o passado, sua destruição. Os olhos proféticos, num tom de ironia, vêem os destinatários devastados e rebaixados.

7.3. Finalmente, a boa notícia

"Para rebelde nosso campo será dividido" é um grito desesperado daqueles que inicialmente roubaram as terras dos camponeses da Sefelá Judaíta. "Como apartar-se-á de mim?" é igualmente um lamento do grupo de poder, contra o qual foi dirigido o anúncio do "mal", ora personificado na primeira pessoa do singular. O ofendido do grupo lamenta (como!) a futura separação da terra roubada.

Se alguns lamentam, outros "riem" (veja a Septuaginta - 2,4). Os "outros" são os camponeses, qualificados de rebeldes, que recebem a Boa Notícia de que a terra será repartida. 2,5 é a palavra final que teve que ser dita neste contexto: "Por isso, não haverá para vós (ti) quem lance um cordel em sorte na assembléia de Javé". A punição aos ameaçados consiste na sua exclusão numa futura redistribuição da terra. Por conseguinte, a Boa Notícia vem confirmada aos camponeses: haverá uma nova medição das terras. Eis a utopia!

Esta utopia vem inspirada numa tradição muito antiga do Povo de Israel: tradição da divisão tribal da terra. A linguagem do v. 5, como também a do v. 4, não deixam dúvidas. Confira, por exemplo, Js 14; 17,14; 18,8.10; Nm 26,52-56.

A profecia evoca esta tradição como um grito e um clamor contra a destruição das comunidades clânicas em fins do VIII século aC. A palavra profética nasce deste âmbito de organização e traduz esperança. Esperança de um futuro retorno dos camponeses às terras que lhes foram cobiçadas pelo grupo de poder. Este retorno será proporcionado através de uma redistribuição das terras com base na tradição tribal.

No anúncio profético de 2,1-5 se mostra, numa relação dialética, a desgraça e a utopia. Anuncia-se a desgraça, a devastação do grupo de poder, que foi denunciado pelas suas práticas violentas aos camponeses. Com a desgraça, anuncia-se também o projeto do retorno dos camponeses às terras que lhes foram roubadas. A utopia nasce desde um conflito enfrentado organizadamente.

CONCLUSÃO

Procurei ler Miquéias com um objetivo: compreender a profecia como Palavra que se inspira desde uma indignação, num âmbito de organização, e que se manifesta em resistência e em sinais de esperança. O exercício mostra possibilidades desta leitura.

O contexto atual desafia a lermos os profetas nesta ótica. Em contrapartida, ao contactarmos com o texto, este nos provoca e nos insere neste caminho.

Para os dias atuais, destaco como aprendizado da profecia:

• Cultivar, alimentar a indignação. Aprender a indignar-se diante de vidas ameaçadas de morte!

• Despertar, fomentar a resistência. Aprender a resistir, a não aderir a propostas, projetos embasados em injustiças!

• Criar elos. Aprender a organizar-se. Gerar poder para destruir poderes que ferem a vida!

• Apontar utopias. Aprender a enxergar sinais de esperança. Desde o âmbito da organização, aprender a criar e a sonhar!

Com certeza, este aprendizado questiona e contradiz a lógica que tenta afirmar a morte de utopias.

BIBLIOGRAFIA

Não fiz citações ao longo do texto. Mantive diálogo com uma série de autores, cujos textos me auxiliaram na elaboração deste estudo. Cito alguns aos quais mais recorri, especialmente para a compreensão do texto no nível literário, na sua função social, como também para assimilar o método.

ALT, Albrecht. Mq 2,1-5: a redistribuição da terra em Judá. Em: *Terra Prometida – ensaios sobre a história do povo de Israel.* São Leopoldo, Sinodal, 1986, 9-18.

ANDERSON, Ana F. e GORGULHO, Gilberto. A leitura sociológica da Bíblia. Em: *Estudos Bíblicos*, n. 2, 1984, 6-10.

NICACCI, Alviero. *Un profeta tra oppressori e oppressi: analisi esegetica del capitolo 2 di Michea nel piano generale del libro.* Jerusalem, Franciscan Printing Press, 1989, 211 p.

OLIVEIRA, Antônio R.M. de. Miqueas, profeta revolucionario de los campesinos. Em: *Taller de Teología,* n. 12, 1983, 31-51.

PIXLEY, Jorge. Miqueas 2,6-11 - qué quiso silenciar la casa de Jacob? Profecía e insurrección. Em: *Revista bíblica,* n. 35, ano 51, 1989/3, 143-162.

SCHWANTES, Milton. Profecia e organização – anotações à luz de um texto (Am 2,6-16). Em: *Estudos Bíblicos,* 2ª ed., n. 5, 1986, 26-39.

WOLFF, Hans W. *Micha.* Em: *Biblischer Kommentar.* Neukirchen-Vluyn, Neukirchener Verlag des Erziehungsvereins GmbH, XIV/12.13.14, 1980, 1981, 1982.

Noli Bernardo Hahn
Caixa Postal 202
98800-970 Santo Ângelo – RS